

TEMPO DE REVOLUÇÃO

“QUE AS CLASSES DOMINANTES TREMAM À IDEIA DE UMA REVOLUÇÃO COMUNISTA!” (MARX & ENGELS) - SET 2023 - R\$ 5,00

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 31

SER NEGRO NÃO É CRIME

RACISMO

A cada 100 mortos pela Polícia da Bahia, 98 são negros, afirma relatório

Em Salvador, de 299 assassinatos cometidos pelos agentes de segurança baianos em 2021, apenas um era branco

Caroline Oliveira
Brasil de Fato | São Paulo (SP) |
17 de Novembro de 2022 às 06:19

Ao menos cinco pessoas negras foram mortas pela polícia por dia em 2021, aponta pesquisa

Dados foram divulgados pela Rede de Observatórios da Segurança e levam em conta os números de sete estados: Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo



Quase 70% das pessoas mortas por letalidade policial no estado de SP eram negras, aponta levantamento

Na capital, o percentual de vítimas negras chega a 76%. Os dados foram analisados pela Rede Observatórios de Segurança, que identificou que, das 10 cidades com mais mortes por intervenção policial no estado, 7 estão na região metropolitana.

Por SP2 — São Paulo
17/11/2022 20h22 - Atualizado há 9 meses

Negros são maioria dos mortos em ações policiais

É o que diz pesquisa da
Rede de Observatórios
da Segurança

Publicação em 12/11/2022 - 17:49 Por Ana Cristina
Campos - Repórter da Agência Brasil - Rio de
Janeiro

Uma pessoa negra é morta pela polícia a cada nove horas no RJ, aponta pesquisa

Capital lidera em número de mortos por agentes do estado, com 458 registros, seguida por São Gonçalo e Baixada

Redação
Brasil de Fato | Rio de Janeiro (RJ) |
17 de Novembro de 2022 às 13:44

PELO FIM DA POLÍCIA MILITAR



VOCÊ É COMUNISTA? ENTÃO ORGANIZE-SE
ACESSE MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE OU USE O QR CODE



EDITORIAL

Joédson Alves/Agência Brasil



O 7 de setembro de Lula

*E foi por ter posto a mão no futuro
Que no presente preciso ser duro
E eu não posso me acomodar
Quero um país melhor
(Fernando Brandt/Milton Nascimento)*

No dia 6 de setembro, preparando-se para comemorar 201 anos de independência, Lula pronunciou um discurso defendendo o seu governo, dizendo que a vida melhorou nos últimos 8 meses. Sim, saiu o governo truculento de Bolsonaro, toda a “esquerda”, inclusive nós os comunistas, colaboramos para derrubá-lo. Claro está que queríamos derrubá-lo antes, mas foi justamente o PT, a maioria do PSOL e dos sindicatos que ajudaram a botar água na fervura quando o Fora Bolsonaro tomou conta do País e

direcionou tudo para as eleições, para o respeito à legalidade burguesa.

Passada as eleições, o disco virou e agora todos pedem que confieemos em Lula, porque se fizermos muito alvoroço a extrema direita pode voltar. Assim, Lula está certo ao fazer acordos com o Centrão, com o Presidente do Congresso, Lira, e até em nomear um jurista de direita (Zanin) para o STF. É preciso confiar, dizem eles.

Nós, os comunistas, retrucamos: A confiança em governos burgueses, ainda que com cara de trabalhador, não leva a

nenhum lugar a não ser novas derrotas. Afinal, a política do governo, até agora, tem sido igual a de Bolsonaro, sem os seus laivos e arroubos autoritários, mas na linha do papinho mineiro. Vamos conversar ou como explicou o mesmo Lula:

“Que podemos ter sotaques diferentes, torcer para times diferentes, seguir religiões diferentes, ter preferência por este ou por aquele candidato, mas que somos uma mesma grande nação, um único e extraordinário povo.” (Rede Brasil Atual, 06/09/2023)

Vamos tentar explicar algo que Lula já sabe,

mas ele quer esconder: uma nação capitalista é formada por diferentes classes sociais – proletariado, burguesia, pequena burguesia principalmente – e estas diferentes classes sociais estão em luta. A burguesia oprime o proletariado para obter lucros, cria uma série de políticas opressoras para dividir os trabalhadores e mantém um Estado armado e violento para reprimir o proletariado.

Somos uma mesma grande nação? E os proletários mortos pela PM, principalmente em “ações” ou “excursões”

Vamos tentar explicar algo que Lula já sabe, mas ele quer esconder - Uma nação capitalista é formada por diferentes classes sociais - proletariado, burguesia, pequena burguesia principalmente - e estas diferentes classes sociais estão em luta

EXPEDIENTE

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Diagramação: Jonathan Vitorio
Capa: Evandro Colzani

Conselho Editorial: Alex Minoru, Caio Dezorzi, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo

Comitê de Redação: André Mainardi, Bruna dos Reis, Flávio Reis, Francine Hellmann, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Rafael Prata

Jornalista Responsável: Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

(como se fosse uma ida ao território inimigo)? Como se os proletários não têm nem mesmo o direito a uma vida segura que a qualquer momento pode ser interrompido pela violência policial? Como se a polícia de um estado, Bahia, dirigida por seu partido é a que mais mata no Brasil? Ah, no discurso pode não ter preferência, mas a polícia do Estado brasileiro tem. Ela mata só o proletariado, principalmente sua parte negra.

Somos uma mesma grande nação? A inflação desceu? Pode ser, mas se o preço da picanha desceu, aquilo que o pobre come, o arroz e o feijão, continua caro. Porque a maioria do proletariado, você sabe, não tem dinheiro para a picanha.

O preço da gasolina diminuiu, é verdade. Mas a maioria do povo sofre e balança nos ônibus e trens lotados, que estão cada vez mais privatizados e submetidos a sanha do lucro que exige lotação máxima e máximo lucro. “O povo? Tadinho do povo” (Chico Anysio, em programa de humor, satirizando um deputado).

Sejamos francos Lula. Você deu sorte e pegou uma pequena onda de recuperação econômica pós-pandemia. Contudo, a sua política continua a mesma. Se um ministro ousou falar em “revogação da reforma trabalhista”, em revisão da reforma da previdência, foi calado imediatamente e calado se encontra agora. A Polícia Rodoviária Federal está tendo seus procedimentos revisados por comissão instituída pelo Sr. Ministro Flávio Dino e, enquanto isso, continua atirando em crianças de três anos... Mudou tudo? Mudemos tudo para tudo ficar igual. Acho que já ouvimos isso de um italiano e há muito tempo.

A principal realização do seu governo até agora foi a aprovação do “arcabouço fiscal” ou, conforme o seu discurso, novo “marco fiscal para crescer com responsabilidade”. E nós perguntamos: qual responsabilidade? Segundo o novo marco/arcabouço fiscal, a prin-

cipal responsabilidade é a mesma do antigo teto fiscal: pagar a dívida. Ah, este ente misterioso e cabalístico que rege todo o nosso Estado.

O preço da gasolina diminuiu, é verdade. Mas a maioria do povo sofre e balança nos ônibus e trens lotados, que estão cada vez mais privatizados e submetidos a sanha do lucro que exige lotação máxima e máximo lucro

Vamos traduzir: hoje a dívida pública é o principal mecanismo de transferência de renda do Estado brasileiro para a camada mais rica da sociedade, que vive de “rendimentos”, “juros”, “investimentos”. Ou seja, é a camada dos ricos, dos proprietários, dos grandes, dos super-ricos ou, traduzindo em linguagem proletária (linguagem marxista), a burguesia.

Sim, a maior parte dos tributos cobrados pelo Estado brasileiro

é transferido diretamente para a burguesia. Outra parte também é para ela transferida através dos incentivos e investimentos para a produção como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e só uma pequena parte é transferida para os mais pobres – pagamento das aposentadorias, das pensões, dos servidores, saúde e educação. Mesmo estas estão sujeitas às “negociações políticas” onde um posto de saúde ou a contratação de um médico está sujeito as necessidades e interesses não da população, mas da casta parasitária dos deputados e senadores, que direcionam as chamadas “emendas” parlamentares ao orçamento para a realização de obras que ajudem seus aliados prefeitos.

Assim caminha a humanidade ou, melhor dito, assim caminham os governos Temer, Bolsonaro e agora Lula. Fazendo acordos com o chamado Centrão para aprovar não sua política – seja a de Bolsonaro ou a de Lula –, mas a política que agrada... ao Centrão, este agrupamento amorfo que representa a burguesia brasileira

mais capacha e ligada ao imperialismo. Neste sentido, as promessas de mais universidades, mais institutos técnicos, mais escolas, mais hospitais e postos de saúde esbarram com a necessidade de mais “emendas” para satisfazer as necessidades eleitorais dos aliados em 2024, ano de realização do novo orçamento.

É evidente que isso não se fará sem atrito. A burguesia sente que tem que ceder algo e por isso nos acordos salariais do início do ano o arrocho diminuiu um pouco. Porém, nos servidores públicos e no serviço público é que o bicho ameaça pegar. Afinal, se as perdas salariais desta categoria chegaram a mais de 30% nos anos Temer-Bolsonaro, no primeiro ano Lula deu 9% que não repunha toda a perda. E a perda continua neste ano, mas no novo orçamento não é previsto nenhum reajuste.

Contra as promessas de mais saúde e educação, o “concursão” (uma espécie de Enem para entrar em todas as áreas do serviço público) vai criar 8 mil vagas. Sendo que nos últimos seis anos, as aposentadorias

e mortes somaram muito mais que isso. Então como ter mais saúde e educação, se não vai nem repor os servidores que saíram? A conta não fecha e a realidade vai se mostrar mais cedo ou mais tarde.

O PSOL no novo tempo

É nesta situação que o PSOL, o partido do “socialismo e liberdade” começou um flertar com o novo governo. Primeiro, permitiu que filiados participassem do governo a nível individual. Depois, deputados votaram de acordo com sua consciência tanto na “reforma tributária” como no novo “marco fiscal”. Agora, no final das contas, concluída a votação no Senado sobre o novo “marco fiscal”, sob a desculpa que o Senado melhorou o texto, toda a bancada do PSOL atravessou o Rubicão e votou a favor do novo marco fiscal.

A preparação do seu congresso nacional mostra isso. Muito provavelmente teremos um congresso que vai repetir a fórmula do Diretório Nacional, sob uma nova roupagem, mas os parafusos vão apertar sem que a rosca espane. Toda a bancada vai, afinal, se conformar para que Boulos seja eleito, com sua política – repetir em São Paulo a mesma aliança que levou Lula ao governo federal. Em outras palavras, constituir um governo burguês com o PSOL na prefeitura em vez do PT. Toda a militância do PSOL vê o caminho em que isso levou o PT. E agora? Vai aceitar calada este caminho e conformar-se de que o Socialismo e a Liberdade são somente bandeiras para os dias de festa, mas no dia a dia temos que aceitar o capitalismo?

Os comunistas sabem o seu lugar: ao lado do proletariado, contra a burguesia. Por isso, estamos organizando todos os que querem levar esta luta organizada. Você é comunista, você é socialista? Venha se organizar conosco, junte-se à Esquerda Marxista. Esta é a bandeira de sua próxima vitória.



A maioria do povo sofre e balança nos ônibus e trens lotados

SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA ESQUERDA MARXISTA

União Nacional: Lula, o Exército e a falsificação histórica

“A guerra durou de abril de 1648 a fevereiro de 1649 e teve como cenário o Morro dos Guararapes, atual região de Jaboatão dos Guararapes, próximo ao Recife. E dessa união de brancos, negros e índios que compunham as áreas colonizadas do Brasil, surge à primeira força genuinamente brasileira, com sua doutrina militar própria e um elevado espírito de nacionalidade”
(Hiago Brasil Barros Rolim, *Batalha de Guararapes e a formação do Exército Brasileiro*).

CHICO AVIZ

Na Cerimônia de 7 de Setembro de 2023, o governo Lula-Alckmin convocou para Brasília militares indígenas das etnias Tariano, Kuripaco, Baré, Kubeo, Yanomami e Wanano. Em sua conta oficial do Instagram, o presidente afirmou com orgulho - acionando a pauta identitária e a agitação ufanista - que: “O Exército brasileiro tem origem indígena”, seguida da saudação dos militares em suas línguas originárias.

Na aparência, essa ação divulga “representatividade”, “respeito” e “inclusão” aos povos originários, massacrados com mais intensidade durante o mandato de Bolsonaro. Porém, na essência, essa posição oficial do governo Lula nada mais é que uma reprodução da falsificação historiográfica e do mito da “três raças” promovida, inicialmente, pelas Escola Militar do Realengo e a Escola Militar da Praia Vermelha e, atualmente, pela Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende, no Rio de Janeiro - instituições de ensino superior dos oficiais de carreira das Armas do Exército, que desenvolveram a historiografia do Estado nacional e de suas forças de repressão.

Efetivamente, o Exército no Brasil tem sua verdadeira organização na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), durante o Segundo Reinado, sob o comando de Luís Alves de Lima e Silva, o perverso patrono do Exército, Duque de Caxias. Na prática, fora uma carnificina contra mais de 60 mil brasileiros, especialmente pretos, escravizados e libertos, que viveram com a promessa da alforria e da propriedade, em caso de vitória contra as tropas de Solano López. Os negros que sobreviveram aos campos da bacia do Prata, morreram à míngua no Brasil, muitos sendo obrigados a formar, por exemplo, o Morro da

Providência na virada do século 19 para o 20 e iniciando a favelização da então capital do país.

Contudo, a história oficial do Exército tem outra versão de sua fundação, a de um mito do Império, reforçado e utilizado durante a Ditadura Militar (1964-1985), servindo a esses governos para justificar o regime. Na perspectiva militar, a ditadura confirmava a história positivista e teleológica da Aman, que apontava a burocracia militar como a única mantenedora da *ordem e progresso* na República. Evidentemente, isso não é inocente, nem mesmo desprovido da política de identidades. Isso porque,

nessa narrativa oficial, o Exército é a instituição do Estado capaz de sintetizar o *povo brasileiro desde sua origem*: a amálgama entre brancos, indígenas e pretos, como versavam os sociólogos da burguesia nativa.

Para a Escola Militar, chancelada e equiparada ao ensino formal superior pelo MEC, em pareceres e portarias consecutivas de 1998 até 2021, as forças de segurança e soberania nacional teriam sido fundadas na Batalha de Guararapes, especificamente em 19 de abril de 1648. Esse embate, que perdurou até fevereiro de 1649, fez parte da Guerra da Restauração (1640-1668),

Na perspectiva militar, a ditadura confirmava a história positivista e teleológica da Aman que apontava a burocracia militar como a única mantenedora da ordem e progresso na República. Evidentemente, isso não é inocente, nem mesmo desprovido da política de identidades

um conjunto de disputas entre as monarquias de Portugal e Espanha, pela independência lusitana. No *novo mundo*, o conflito foi crucial para a manutenção das posses portuguesas da recém-colônia do *Pau-brasil*.

As tentativas holandesas nas novas terras coloniais ibéricas ocorreu justamente quando o Reino de Portugal passou a ser administrado pelos espanhóis, a partir de 1580, com a morte de Dom Henrique. Esses processos fizeram a Holanda criar a sua Companhia das Índias Ocidentais e ocupar Pernambuco em 1630, com o objetivo semelhante ao dos lusitanos: explorar o açúcar na região.



Ricardo Stuckert / PR



Batalha dos Guararapes, por Victor Meirelles (1875)

Para o conflito, os portugueses foram comandados por Antônio Dias Cardoso, responsável por costurar, com nativos e negros escravizados, as táticas de guerrilhas que lograram a disputa contra os holandeses mais numerosos e melhor armados. Segundo os dados oficiais, foram mais de 4 mil holandeses contra 2.500 lusos, indígenas e negros. Mesmo com a vitória e toda a ideologia do Estado sobre a *epopeia de Guararapes*, os holandeses só saíram do nordeste brasileiro em 1654.

Logicamente, o Exército não afirma sua existência desde o século 17, isso seria a fraude pela fraude. Porém, toda sua ideologia cultua o 19 de abril, oficializado por Itamar Franco e Zenildo de Lucena, em 1994, como a forja do espírito de nacionalidade. Essa *comunidade imaginada*, como cunhou o pensador Benedict Anderson (2008), expressão da modernidade capitalista, tem a função de false-

ar a realidade, buscando construir, historicamente, a sonhada união nacional, que Lula reivindica, para amenizar os reais conflitos gerados pela luta de classes. Nos discursos oficiais, essa narrativa é escancarada, intitulado Guararapes como o “berço da nacionalidade e do Exército brasileiro”, utilizando, por exemplo, a carta de Muniz Barreto, um repentista do Império, ao rei português².

Da historiografia às pinturas oficiais, as produções referentes a esses dois episódios bélicos do Brasil possuem apenas um sentido: expressar e impor um sentimento de União Nacional e de fundação quase ontológica do Estado no Brasil entre as “raças”, sob controle luso-brasileiro. Tal qual Pedro Américo em “Batalha do Avaí” (1872-77) representou a Guerra da Tríplice Aliança, a pintura de Victor Meirelles, intitulada “Batalha de Guararapes” (1875-79), compôs essa mitologia do Exército e do Estado a partir do Reinado de Pedro II.

Em 2023, o governo Lula-Alckmin segue esse fio condutor do Estado brasileiro defendendo uma falsa *Democracia*, uma fajuta *Soberania* e uma completa *União* com os interesses burgueses. Reacionário, fraudulento, Lula se dirigiu à cúpula do Exército, como Bolsonaro nunca ousou fazer, pois colocar indígenas fardados e cultuando as forças armadas e a nação, passa longe de uma afronta ou afirmação dos povos originários. Trata-se de uma ação que dialoga diretamente com o alto-comando militar, além de, claro, ser desrespeitosa com as populações nativas que são assassinadas diariamente pelo Estado e suas forças repressivas, aliadas aos garimpeiros e latifundiários na luta pela terra.

As festividades do Estado em nada representam as necessidades e a história da classe trabalhadora. A *independência* do Brasil foi a transferência da dependência de Portugal para a Inglaterra com a permanência do

domínio lusitano pelos reinados de Bragança e Habsburgo. A República de 1889 também não significou uma transformação estrutural das condições materiais do país, mantendo o latifúndio, a exploração semicolonial e a ausência de conquistas democráticas que as burguesias mundiais efetivaram com suas revoluções, vide EUA e França.

Ao longo da república, os avanços que os trabalhadores conseguiram foram resultados de sua única e exclusiva organização e luta, justamente quando tivemos independência de classe. A União Nacional de Lula é o avesso desta necessidade de autonomia da nossa classe, é perversa e reprodutora ideológica da classe dominante, auxiliando no violento engendramento da emoção cívica e nacionalista da *pátria*.

Para nós, os comunistas, a efetiva defesa e conquista das riquezas, culturas e histórias nacionais só podem ser feitas falando e agindo com a verdade histórica,

As festividades do Estado em nada representam as necessidades e a história da classe trabalhadora. A independência do Brasil foi a transferência da dependência de Portugal para a Inglaterra com a permanência do domínio lusitano pelos reinados de Bragança e Habsburgo

produzindo uma direção, um partido, capaz de apresentar para nossa classe um programa socialista e internacionalista. Assim, dialeticamente, o povo trabalhador assegurará o que é realmente seu de direito, sem falsificações históricas e identitárias, conquistando o poder, o pão, a paz, a terra, o trabalho e toda sua verdadeira emancipação.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Estas portarias e pareceres equiparam as instituições de ensino militar às civis, mesmo que os métodos científicos, especialmente nas produções das ciências humanas, sejam ignorados pelas produções militares. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12965-ensino-militar>>. Acesso em: 08 set. 2023.

² Carta de Moniz Barreto cultuada pelo Exército brasileiro. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/amazonlog17/noticias/-/asset_publisher/BsJ-DxIc4XC6S/content/guararapes-berco-da-nacionalidade-e-do-exercito-brasileiro>. Acesso em: 08 set. 23.

ROLIM, Hiago Brasil Barros. *Batalha de Guararapes e a formação do Exército Brasileiro. Monografia, curso de Ciências Militares. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2020.*

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Allison Sales / AFP



Parem os massacres nos bairros proletários

MOVIMENTO NEGRO
SOCIALISTA

Chamada de Operação Escudo, com a justificativa de investigar a morte de um policial da Rota, que fazia patrulha na região do Guarujá, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e sua polícia estão promovendo uma verdadeira chacina, causando terror nos moradores da região. Até agora, são 28 mortos pelas mãos dos justiceiros da Polícia Militar. Com requintes de tortura, as pessoas assassinadas tinham marcas de queimaduras por cigarro, golpes na cabeça e vários tiros pelo corpo, de acordo com denúncias na ouvidoria do estado.

O discurso sobre criminalidade não passa de uma cortina de fumaça para esconder o real motivo do governo do estado: avançar com as privatizações em níveis nunca vistos anteriormente e aumentar o poder da polícia no estado de São Paulo, o caminho mais seguro para garantir o direito à propriedade privada intacta para a burguesia. O ataque aos bairros proletários tem um caráter racista. Afinal, sabemos bem que a cor da pele dos moradores é pre-

ta. Todo tipo de ataque racista deve ser não apenas repudiado como combatido pelos revolucionários com todas as forças que forem necessárias.

A chacina na Baixada Santista não está isolada no país: ao mesmo tempo, podemos contabilizar 10 mortos na chacina no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro, no dia 2 de agosto, e 19 pessoas mortas nas chacinas em Salvador, Itatim e Camaçari, na Bahia, entre os dias 28 e 31 de julho. Só no ano de 2023, já aconteceram 38 chacinas nas regiões

metropolitanas do Rio de Janeiro e de Salvador, deixando mais de 148 mortes. Isso não é menos que um estado de guerra contra a classe trabalhadora e a população negra no país. Por isso, a luta que deve ser feita é pelo fim da polícia assassina, pelo fim das instituições burguesas racistas e pelo fim do capitalismo.

O argumento da luta contra a criminalidade é a desculpa usada para encobrir o racismo dessa instituição assassina. Na verdade, com essa visão, se justifica o fato de que as pessoas mortas na

ação policial podem ser outras, que não estiveram diretamente envolvidas na morte do policial da rota. Os critérios que são adotados nesse caso para definir quem deve morrer são muito claros: a cor da pele e a classe a que pertence. Nesse momento, todos são reduzidos a uma mesma coisa, objeto de ódio da instituição policial. Por isso, deixamos claro o caráter racista e de classe desta chacina. O racismo e o capitalismo são duas faces da mesma moeda, e precisam ser combatidos juntos.

O argumento da luta contra a criminalidade é a desculpa usada para encobrir o racismo dessa instituição assassina. Na verdade, com essa visão, se justifica o fato de que as pessoas mortas na ação policial podem ser outras, que não estiveram diretamente envolvidas na morte do policial da rota



Polícia Civil de SP/Twitter

Esta situação não é “privilégio” da chamada direita no Brasil. Afinal, foi sob um governo petista que a PM da Bahia se tornou a maior executora de negros do Brasil. Ela mata mais que toda a polícia dos EUA por ano.

Nós, comunistas, tornamos nossa a palavra de ordem que os jovens gritaram nas manifestações de 2012: “Não acabou? Tem que acabar! Eu quero o fim da Po-

lícia Militar”. Somente o fim e a dissolução da PM acabará com essas mortes, com as milhares de prisões injustificadas e com a prisão em massa de jovens negros.

Para exemplificar, se o STF estabelecer um limite de porte de 60 gramas de maconha para não ser considerado traficante, veremos aumentar a quantidade de droga “apreendida” nas operações e nos quadros policiais que todo jovem negro sofre. Aliás, se este limite for estabelecido, 53% dos jovens pegos com maconha (mediana de 73

gramas) será mantido nas prisões.

Na situação atual, nós propomos que o movimento negro todo se unifique e exija imediatamente:

- **Parem os massacres nos bairros proletários**
- **Proibição das “in-cursões” e “operações” policiais em bairros proletários!**
- **Suspensão de todos os policiais e oficiais que participaram dos massacres deste ano no Rio, São Paulo e Bahia!**
- **Retirada do porte de armas destes soldados e oficiais até o fim da apuração judicial!**
- **Ser negro não é crime!**

Não à Lei Orgânica da PM e dos bombeiros

Está em discussão no Senado Federal o projeto de lei 3.045 de 2022, já aprovado na Câmara do Deputados. Oriundo da bancada bolsonarista na Câmara, ele estabelece, entre outras coisas, que:

“As polícias militares e os corpos de bombeiros militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios são instituições militares permanentes, exclusivas e típicas de Estado, essenciais à Justiça Militar, de caráter nacional, na condição de força reserva e auxi-

liar do Exército, nos termos do § 6º do art. 144 da Constituição Federal, indispensáveis à preservação da ordem pública, à segurança pública, à incolumidade das pessoas e do patrimônio e ao regime democrático”.

Este simples parágrafo já diz tudo. A PM se torna uma instituição permanente, de caráter militar e auxiliar do Exército, tendo como função garantir a “ordem” e a “segurança” prioritariamente. A isso vão se agregar diversos parágrafos que estabelecem que a PM dirige toda a polícia. Não é à

toa que os sindicatos de policiais municipais se colocam contra esta lei. E, mais que isso, se esta lei for aprovada a PM também será o órgão repressor nas questões ambientais. Ou seja, será a centralizadora de toda a segurança nos estados e municípios. Além disso, os bombeiros passam também a ser uma instituição de repressão.

Nós exigimos que a o PT se pronuncie decididamente contra esta lei. E pedimos, desde já, caso ela seja aprovada, que o presidente Lula vete-a integralmente.



ASSINE E APOIE A IMPRENSA COMUNISTA

Assinatura
Digital
R\$ 60



Assinatura
Impressa+Digital
R\$ 70

Use o QR Code ou acesse www.livrariamarxista.com.br
Assine e receba 12 edições

JUVENTUDE

"A maior arma que a classe trabalhadora pode ter é um partido revolucionário"

Entrevista com os marxistas britânicos

LUCY DIAS

A campanha "Você é Comunista" está atraindo uma importante camada da juventude e dos trabalhadores mais conscientes para as fileiras

do marxismo no mundo inteiro. Conversamos com nossos camaradas do *Socialist Appeal* (Apelo Socialista), seção britânica da Corrente Marxista Internacional (CMI), que iniciaram essa campanha a partir do desenvolvimento da luta de classes

em seu país e que foi adotada por todas as seções da CMI a partir do seu Congresso Mundial, realizado em agosto.

A experiência de nossos camaradas do *Socialist Appeal* é fundamental para compreender o ânimo e a

radicalização da juventude que já compreende a necessidade de pôr o capitalismo abaixo e construir uma nova sociedade, comunista. Da mesma forma como nossos camaradas, apelamos para que todos os "comunistas

se juntem a nós agora! Uma organização revolucionária não pode ser improvisada. Precisamos estar preparados e o embrião de um partido de massas precisa ser desenvolvido antes de tais acontecimentos monumentais."

Os camaradas do *Socialist Appeal*, seção britânica da CMI, lançaram a campanha "Você é comunista? Então organize-se". Essa campanha, dirigida a jovens radicalizados que já sabem que são comunistas, foi aprovada como uma campanha internacional por toda a CMI no seu Congresso Mundial de 2023, realizado no início de agosto. Com base em que evidências e análises a seção britânica chegou a essa campanha? Ao longo dos últimos anos, um número crescente de jovens se aproximou de nossa organização já identificados como marxistas e comunistas. Na verdade, alguns diziam "Não sou socialista, sou comunista!". No passado, encontrávamos pessoas que questionavam o sistema, mas ainda não estavam convencidas do marxismo. Esse não é mais o caso.

Essa mudança pode ser explicada voltando-se o olhar para os últimos dez anos. Muitas vezes explicamos como os acontecimentos moldam a consciência, e a juventude de hoje, em particular, apenas experimentou o aprofundamento da crise capitalista. A desigualdade, a inflação, a guerra, a opressão e a catástrofe climática têm sido parte integrante dos

anos de formação dos jovens de hoje.

Ademais, grandes movimentos como o de Bernie Sanders e Jeremy Corbyn desiludiram muitos jovens com relação ao reformismo. Eles estão começando a tirar conclusões mais radicais.

O *Socialist Appeal* decidiu focar nessa camada no ano passado. Estávamos à procura das

camadas mais radicais nas 50 universidades em que estamos organizados, através da chamada "Porque somos comunistas" nas nossas primeiras reuniões. Foi um grande sucesso, com a participação de mais de mil estudantes.

O empurrãozinho extra de que precisávamos veio quando foi publicada uma sondagem,

realizada pelo Fraser Institute, de direita, que concluiu que 29% dos jovens (de 18 a 34 anos) na Grã-Bretanha deram o "comunismo" como a resposta ao "seu sistema econômico ideal".

Isso equivale aos milhões de jovens que tínhamos de alcançar. A campanha tem sido um sucesso surpreendente até agora, mas sabemos

que estamos apenas a arranhar a superfície. É um reflexo do clima radical que está fermentando na sociedade.

Ainda antes do Congresso Mundial, outras seções da CMI se entusiasmaram com os enormes resultados de recrutamento da seção britânica e começaram a aplicar a campanha em seus países, como foi o caso das seções brasileira, canadense, norte-americana e salvadorenha. Por qual razão você crê que, mesmo em países com desenvolvimentos e situações políticas diferentes, as ideias do comunismo estão atraindo o interesse de tantos jovens e trabalhadores em se organizar e lutar para acabar com a sociedade capitalista?

Na verdade, existem desenvolvimentos muito diferentes e particulares em cada país. No entanto, o que fazemos como marxistas é traçar o quadro geral. A crise capitalista é sentida em todo o mundo e é a classe trabalhadora que está sendo obrigada a pagar o preço. Embora os salários estejam aquém, os trabalhadores enfrentam a inflação, o aumento dos custos da energia, as taxas de hipotecas e o aumento dos aluguéis. Por todos os lados, os trabalhadores

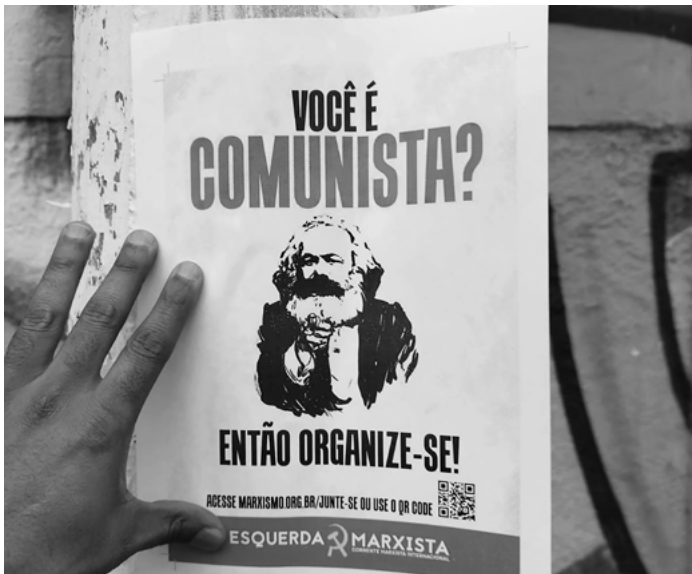




Militantes da CMI atuam na campanha mundialmente



Militantes da CMI atuam na campanha mundialmente



Militantes Liberdade e Luta e EM colam cartazes pelo Brasil



Militantes da CMI atuam na campanha mundialmente

lutam para sobreviver e garantir um futuro para si próprios.

Por essa razão, a luta de classes está na ordem do dia. Vimos muitos movimentos de massa irromperem nos últimos anos, no Chile, no Irã, no Peru, na Nigéria e no Sri Lanka. Mas também vimos um aumento da sindicalização na Grã-Bretanha, Alemanha, França e EUA, onde o número de greves está aumentando rapidamente.

Isso se reflete na instabilidade política. Os governos de “esquerda” e “progressistas” no poder revelaram, claramente, as suas limitações; os governos [Alberto] Fernández e [Cristina] Kirchner, na Argentina; [Gabriel] Boric, no Chile e [Pedro] Castillo, no Peru; todos eles chegaram a um impasse nos seus esforços para governar dentro dos limites do capitalismo contra o interesse dos trabalhadores e dos camponeses. Isso apenas prepara o terreno para novas explosões em massa.

Mas em todas essas lutas, o que vemos? Frequentemente são os jovens que estão na vanguarda. Em todos os países, são eles que estão preparados para sair às ruas para protestar contra o capitalismo e tirar as conclusões mais radicais.

Como CMI, deveríamos trazê-los, com entusiasmo, para as nossas fileiras, organizá-los com base nas ideias revolucionárias do comunismo e construir as nossas forças. Assim, podemos nos colocar como um fator subjetivo nas próximas revoluções que irromperão em todo o mundo.

Existem diferentes organizações que reivindicam o comunismo e as ideias marxistas. Ao mesmo tempo, os partidos comunistas, em diferentes países, enfrentam crises nas suas fileiras. Por que um jovem comunista deveria se organizar com a Corrente Marxista Internacional? A CMI pretende construir uma direção revolucionária em todo o mundo. Baseamo-nos firmemente nas ideias de Marx, Engels, Lênin

e Trotsky. Mas também sobre as lições e métodos dos bolcheviques, que foram do único partido revolucionário que dirigiu com sucesso a derrubada do capitalismo na Rússia czarista, em 1917, e levou os trabalhadores ao poder.

Somos, portanto, uma organização de quadros disciplinada e centralizada que está ativamente construindo, organizando, educando e agitando com base na teoria marxista.

Outras organizações não parecem colocar tanta ênfase na teoria como o faz a CMI, ficando assim limitadas em suas análises e na compreensão das tarefas necessárias. Sucumbem sob pressão ante as conclusões esquerdistas ou oportunistas; quer permanecendo à margem, alegando que tudo o mais é reacionário, quer adotando políticas de identidade e palavras de ordem reformistas. Tudo isso decorre da falta de firmeza na teoria, e da falta de confiança na classe trabalhadora.

Somos assumidamente comunistas, mas, como disse Lênin, também precisamos ser flexíveis na tática. Precisamos explicar pacientemente o nosso programa, abordar as massas onde elas se encontram e elevar a consciência.

Apelamos, portanto, que esses comunistas se juntem a nós agora! Uma organização revolucionária não pode ser improvisada. Precisamos estar preparados e o embrião de um partido de massas precisa ser desenvolvido antes de tais acontecimentos monumentais.

Finalmente, o que vocês diriam a um jovem que deseja aprender sobre o comunismo antes de se organizar com a Corrente Marxista Internacional? Sempre encorajamos a todos, incluindo os nossos membros, a começarem pelos principais teóricos do marxismo: Marx, Engels, Lênin e Trotsky. O

enorme acervo teórico que eles proporcionam é de grande valor para os revolucionários.

Somos assumidamente comunistas, mas, como disse Lênin, também precisamos ser flexíveis na tática. Precisamos explicar pacientemente o nosso programa, abordar as massas onde elas se encontram e elevar a consciência

Como comunistas, precisamos ser capazes de oferecer respostas. Muitas pessoas querem saber por que razão o capitalismo continua a entrar em crise? Por que razão há guerras, imperialismo e colonização? Por que parecemos incapazes de resolver a questão climática e acabar com a opressão, a pobreza e a fome? Estas são questões continuamente levantadas e a tarefa dos comunistas é respondê-las e elevar o seu nível.

O marxismo é uma chave para a compreensão dos problemas fundamentais do sistema capitalista. Vale ressaltar como os problemas acima listados são apenas sintomas de um sistema quebrado. A doença subjacente que precisamos eliminar é a produção com fins lucrativos, a propriedade privada e o Estado-nação.

Essa compreensão serve também como um chamado à ação! Assim que eliminarmos essas contradições, poderemos, finalmente, organizar a economia com base nas nossas necessidades, e não com base no lucro de uns poucos.

Estudar o marxismo levará, portanto, à conclusão inevitável: a maior arma que a classe trabalhadora pode ter é um partido revolucionário, e você deve participar na sua construção para levar a classe trabalhadora à vitória!



rarehistoricalphotos.com

O que fazer para aprender o comunismo?

| FRANCINE HELLMANN

Desde que a CMI lançou a campanha “Você é Comunista? Então organize-se!”, centenas de novos militantes, sobretudo jovens, uniram-se às fileiras das seções da Internacional em vários países. No Brasil, não tem sido diferente. Muitos destes novos camaradas têm uma dúvida em comum: o que fazer para aprender o comunismo?

Esta pergunta foi respondida por Lênin há cerca de 123 anos, em um discurso proferido no 3º Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude, em 2 de outubro de 1920. Na oportunidade, este grande revolucionário afirmava que a principal tarefa da juventude consistia em aprender.

Isso porque a geração precedente, que na época deste discurso de Lênin havia participado de forma atuante na derubada do capitalismo na Rússia, apenas poderia derrubar o capitalismo e preparar as bases de uma nova sociedade. A verdadeira edificação no mundo comunista era uma tarefa para a juventude. E isso não poderia ser feito sem que os jovens tivessem acesso a muito conhecimento.

Esta é uma premissa que permanece extremamente atual. Após a Revolução de 1917, o poder foi usurpado das mãos dos trabalhadores na Rússia e décadas depois o capitalismo foi restaurado. Assim, colocar abaixo este sistema continua sendo a tarefa histórica mais importante da classe operária. A formação da juventude comunista é parte constituinte deste processo.

Mas no que consiste este aprendizado? A formação básica de um militante comunista passa, sem dúvida, por obras clássicas, como: “Manifesto Comunista”, “Programa de Transição”, “O Estado e a Revolução”, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, “O Imperialismo”, “Trabalho Assalariado e Capital”, entre vários outros textos. No entanto, ela vai além de ler livros e panfletos sobre o próprio comunismo.

Em seu discurso sobre isso Lênin dizia:

“À primeira vista, naturalmente, surge a ideia de que aprender o comunismo é assimilar a soma de conhecimentos que se expõem nos manuais, brochuras e trabalhos comunistas. Mas isso seria definir de um modo demasiado grosseiro e insuficiente o estudo do comunismo. Se o estudo do comunismo consistisse unicamente em assimilar aquilo que está exposto nos trabalhos, livros e brochuras comunistas, poderíamos obter com demasiada facilidade exegetas ou fanfarrões comunistas, o que muitas vezes nos causaria dano e prejuízo, porque esses indivíduos, depois de terem aprendido e lido aquilo que se expõe nos livros e brochuras comunistas, seriam incapazes de combinar todos esses conhecimentos e não saberiam agir como o exige realmente o comunismo”.

Teoria e prática

Lênin explica que um dos maiores males da sociedade capitalista é o completo divórcio entre os livros e a vida prática. A simples assimilação livresca do que é o comunismo não prepara uma nova geração para realmente construí-lo. O que escrevemos hoje

– e o que Lênin e Trotsky escreviam durante a Revolução Russa – não são apenas repetições do que escreveram os revolucionários que nos precederam.

Pelo contrário, a bibliografia deixada por Marx, Engels, Lênin, Trotsky, entre outros grandes revolucionários, é justamente o maior exemplo do que significa não apenas assimilar, mas praticar e revolucionar a própria teoria.

Uma famosa frase de Marx diz: “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo”.

Lênin explica que um dos maiores males da sociedade capitalista é o completo divórcio entre os livros e a vida prática

Acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade

Neste discurso, Lênin também chama a atenção para a importância de a juventude ter acesso a todos os campos de conhecimento, para além dos livros e palavras de ordem comunistas:

“Se tentais tirar a conclusão de que se pode ser comunista sem ter assimilado os conhecimentos acumulados pela humanidade cometeréis um enorme erro. Seria errado pensar que basta assimilar as palavras de ordem comunistas, as conclusões da ciência comunista, sem assimilar a soma de conhecimentos de que o comunismo é consequência. O marxismo é um exemplo



que mostra como o comunismo surgiu da soma dos conhecimentos humanos.”

Assim, ele debate sobre as críticas à chamada “velha escola”, recheada de estudos livrescos, conhecimentos inúteis e mortos, e que era feita para que apenas os filhos da aristocracia tivessem acesso ao conhecimento, enquanto a maior parte da jovem geração era educada para servir à burguesia.

Mas, para Lênin, embora todas estas críticas fossem verdadeiras, era preciso reconhecer o que a velha escola tinha de proveitoso: ela realmente repassava conhecimento. Seu principal defeito, no entanto, era fazer isso apenas para uma elite.

Ainda hoje, no Brasil, um dos principais argumentos para a reforma que deu origem ao Novo Ensino Médio foi a necessidade de mudar a “velha escola”. No entanto, as alterações feitas representaram apenas mais um forte ataque ao ensino público, por meio da privatização, da diminuição de conteúdos, da precarização do trabalho em educação e do fomento à evasão escolar.

Mas tudo isso na escola pública, pois existe uma grande diferença na forma como o Novo Ensino Médio vem sendo aplicado nas escolas particulares. No primeiro caso, o NEM representa a real diminuição de conteúdos e precarização. No segundo, os itinerários são trabalhados de forma complementar, com qualidade e apenas se somaram às antigas disciplinas.

Ainda sobre a importância do acesso ao conhecimento de forma geral, Lênin dizia:

“E se levantardes a questão: porque é que a doutrina de Marx pôde conquistar milhões e dezenas de milhões de corações na classe mais revolucionária – recebereis uma só resposta: isto aconteceu porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos sob o capitalismo. Ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana, Marx compreendeu a inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo, que conduz ao comunismo e – o que é essencial – demonstrou-o baseando-se exclusivamente no estudo mais exato, mais pormenorizado e mais profundo dessa sociedade capitalista, por ter assimilado plenamente tudo aquilo que a ciência anterior tinha dado. Ele reelaborou de um modo crítico, sem deixar de dar atenção a um único ponto, tudo aquilo que a sociedade humana tinha criado. Reelaborou tudo aquilo que o pensamento humano tinha criado, submeteu-o à crítica, comprovou-o no movimento operário e retirou daí as conclusões que as pessoas limitadas ao quadro burguês ou atadas aos preconceitos burgueses não podiam retirar.”

Para ficar apenas no campo da literatura, a lista de autores não ne-

cessariamente marxistas que nos ajudam a compreender o mundo é infinita. Charles Dickens, por exemplo, é um dos melhores retratistas dos impactos sociais da revolução industrial na Inglaterra e ajudou a transformar o conceito de infância a partir da sua obra. O livro “Por Quem os Sinos Dobram”, de Hemingway, apresenta com um olhar singular a Guerra Civil Espanhola e seu estilo literário influenciou gerações de autores. “Dom Quixote”, de Cervantes, traz em si todo o fim de uma era e de um sistema econômico. Gabriel García Márquez é um dos melhores retratistas da cultura latino americana, com sua pobreza econômica, cores, misticismos e história.

Esta compreensão, da importância de defender que a juventude tenha acesso a todos esses conhecimentos, é o que sustenta a luta da Esquerda Marxista tanto contra o Novo Ensino Médio, quanto contra as cotas, pelo fim do vestibular e em defesa de uma educação pública, gratuita e para todos, em todos os níveis. É também pensando nisso que a presente edição do Jornal Tempo de Revolução inaugura a edi-

toria “Ciência, Cultura e Arte”, na página 12.

Dialeticamente, colocar a própria juventude em marcha por estes direitos faz parte do aprendizado sobre como ser um verdadeiro comunista. Por este mesmo motivo, quando um novo camarada entra na Esquerda Marxista por meio da campanha “Você é Comunista? Então organize-se!”, ele é imediatamente convidado a assumir tarefas práticas de difusão desta própria campanha.

Dialeticamente, colocar a própria juventude em marcha por estes direitos faz parte do aprendizado sobre como ser um verdadeiro comunista

Moral comunista

Outro ponto importante abordado por Lênin neste discurso é a moral comunista: “É preciso que toda a obra de educação, de formação e de ensino da juventude contemporânea seja a educação dela na moral comunista.”

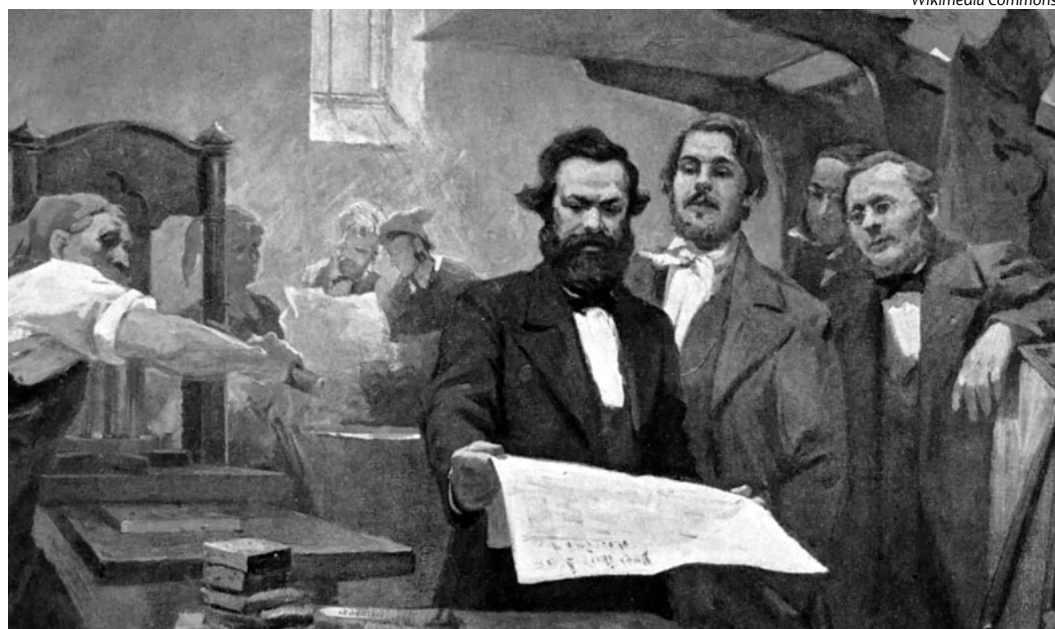
Mas o que significa a moral comunista? Existe uma ética comunista?

“Em que sentido rejeitamos nós a moral, rejeitamos a ética? No sentido em que a pregava a burguesia, que deduzia esta ética de mandamentos de deus. A este respeito dizemos, naturalmente, que não acreditamos em deus, e sabemos muito bem que em nome de deus falava o clero, falavam os latifundiários, falava a burguesia, para fazer passar os seus interesses de exploradores. Ou então, em vez de deduzir essa moral dos mandamentos da ética, dos mandamentos de deus, deduziam-na de frases idealistas ou semi-idealistas, que sempre se reduziram também a algo de muito parecido com os mandamentos de deus. [...] Por isso, dizemos: para nós a ética tomada fora da sociedade humana não existe; é um logro. Para nós, a ética está subordinada aos interesses da luta de classe do proletariado.”

A ética comunista une a classe trabalhadora e a juventude contra toda a exploração, em defesa de uma revolução socialista e de uma sociedade comunista.

Desta forma, Lênin ensinou não apenas o que devemos aprender, mas o que devemos tomar da velha escola e da velha ciência, assim como da necessidade de ligar este aprendizado à luta de todos os trabalhadores contra os exploradores.

A essência do marxismo é a prática consciente pela derrubada do capitalismo a partir do conhecimento teórico, sob a bússola da moral comunista.



Wikimedia Commons.



CIÊNCIA, CULTURA E ARTE

LOS LEOPARDOS
DE KAFKA

MOACYR SCLIAR



Dica de leitura: “Os Leopardos de Kafka”, “O doente Molière” e “Adeus Hemingway”

| MARITANIA CAMARGO

O espaço “Ciência, Cultura e Arte” está destinado a organizar um acervo que polemize, forme e, acima de tudo, socialize aquilo que a humanidade acumulou nestes três campos. Assim, esta editoria servirá também como um orientador de leituras aos militantes e simpatizantes da Esquerda Marxista.

É com este intuito que apresentarei nesta edição três obras literárias de qualidade ímpar, dialogando com aquilo que escreveu Engels em uma carta a Margaret Harkness¹, na qual afirmou que aprendeu mais com Balzac sobre a história da França do que com todos os historiadores, economistas e professores do seu período.

“Adeus Hemingway”, de Leonardo Padura; “Os Leopardos de Kafka”, de

Moacyr Scliar; e “O Doente Molière”, de Rubem Fonseca são as obras escolhidas para resenha.

A primeira curiosidade dessas três obras é que fazem parte de uma coleção encomendada pela editora Companhia das Letras chamada “Literatura ou Morte”, no ano 2000. O convite editorial foi feito a grandes nomes da literatura brasileira e mundial, entre eles, os três autores de que trataremos aqui. Os escritores que aceitaram fazer parte do projeto escolheram um nome da literatura universal para homenagear e criaram tramas envolvendo o homenageado.

Curiosamente, as três obras são de escritores que ao longo de suas vidas defenderam ou defendem o socialismo, cada qual com sua forma e também com suas confusões. Gigantes que já têm seus nomes cravados na literatura mundial e, portanto, seus

livros são leituras indispensáveis e riquíssimas.

Começemos pelo último, “O Doente Molière”, de Rubem Fonseca. No ano de 2023, completam-se 350 anos de morte de Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière. Por esta razão, ensaiávamos escrever sobre ele para homenageá-lo, mas Rubem Fonseca já havia feito este trabalho com uma precisão louvável.

“O Doente Molière” é um galanteio à altura do grande dramaturgo francês, pai do teatro moderno. Rubem Fonseca não só homenageia Molière, mas constrói uma trama investigativa em plena corte de Luiz XIV. Na voz de um marquês anônimo, único personagem fictício da trama, Fonseca biografou Molière usando o estilo do próprio homenageado, com muita ironia e audácia, em uma “peça fictícia”.

No entanto, se curiosamente, as três obras são de escritores que ao longo de suas vidas defenderam ou defendem o socialismo, cada qual com sua forma e também com suas confusões. Gigantes que já têm seus nomes cravados na literatura mundial e, portanto, seus livros são leituras indispensáveis e riquíssimas

O livro retrata a corte de Luiz XIV de forma ligeira, mas com a imponência de quem conhece não só o verbo, mas também a história. Logo no início, na voz do marquês,

há o registro: “As descrições que faço aqui das intrigas e escândalos da corte, da efervescência dos salões, da influência perniciosa do clero e de outras corporações, da rivalidade entre artistas, nobres e áulicos, podem não parecer, mas estão ligadas ao tema principal desta seleção [...]”.

Lá pelo meio da narrativa, sensivelmente, Fonseca descreve rapidamente os problemas gerados por uma das obras mais polêmicas de Molière — “Tartufo”: “No prefácio que fez para a edição de Tartufo, prosseguiu, Molière escreveu que os nobres, as mulheres pretenciosas, os cornos, os médicos haviam se submetido às suas críticas, mas que os hipócritas, os falsos beatos e o clero, ao se verem retratados no Tartufo, reagiram, demonstrando sua enorme influência.”

Assim, além de um belo recorte social da corte de Luiz XIV, “O Doente Molière” é uma ótima for-

ma de conhecer um pouco da vida e estilo de Moilère, bem como Fonseca, um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Outro ponto curioso da coleção “Literatura ou Morte” são as marcas das influências, evidenciadas pela construção de narrativas com base em nomes que estes autores consideram grandes.

Padura deixa isso muito evidente não só no texto, mas quando dá entrevistas, quando afirma que “Adeus, Hemingway” é um acerto de contas. O escritor não nega seu dualismo de sentimentos com relação ao Papa, apelido de Hemingway, com o qual afirma ter tido “durante anos uma encarniçada relação de amor e ódio”. O livro tem como personagem Mario Conde, sem dúvida, a mais elaborada de todas as personagens fictícias de Leonardo Padura.

Numa trama policial muito bem marcada com as características do romance policial noir, mas com uma originalidade própria de Padura. Isso é explicado pelo crítico Todorov², cujo comentário pode ser aplicado à obra do autor como um todo: “A grande obra cria, de certo modo, um novo gênero, e ao mesmo tempo transgride as regras até então aceitas”.

Conde já não é mais policial, está na sua eterna busca por ser escritor. A narrativa nos mostra uma Cuba marcada de contradições – das dificuldades para se alimentar aos belíssimos lugares; como entender o que foi e o que é o bar “A Floridita”; a culinária cubana, a relação com o mar e as próprias relações humanas, que marcam a formação do homem cubano. Numa outra camada da narrativa vemos um assassinato no sítio de Hemingway. Para desvendar o mistério, Padura nos leva à biografia de Ernesto.

Das relações do escritor norte-americano com Cuba às suas amantes e cachorros, a narrativa em alguns momentos nos mostra eventos históricos bem demarcados e em outros uma ficção envolvente. Em dois planos misturados, temos a história do assassinato e Conde como protagonista, e imediatamente, de forma direta e sem qualquer explicação, estamos com o olhar de Hemingway. O romance conclui embriagando o leitor, de frente ao mar, em

Cojímar e com muito rum, numa alusão aos que se exilaram de Cuba, em contraste com aqueles que escolheram este país, como Hemingway.

“Bebeu outro trago, em memória do esquecimento, e gritou com todas as forças de seus pulmões:

– Adeus, Hemingway”

E assim os sinos dobram.

Já em “Os Leopardos de Kafka”, de Moacyr Scliar, uma grande surpresa aos trotskistas: a homenagem não é somente a Kafka, mas também a Leon Trotsky.

Num texto impecável do ponto de vista do enredo, Benjamim Kantarovitch sai de uma aldeia judaica da Rússia às vésperas da Revolução de 1917, supostamente com uma mensagem secreta de Trotsky a ser entregue em Praga. O jovem interiorano que jamais havia saído dos arredores da aldeia supera todos os medos para cumprir a tarefa, cruza as fronteiras e vive uma grande aventura.

Scliar nos brinda com uma narrativa intensa, forte, de rir e chorar. Descreve a Rússia de 1916, a figura de Trotsky como um grande líder, o judaísmo, os clássicos do marxismo e chega ao Brasil da ditadura militar, numa manobra narrativa audaciosa, que tem seu desfecho na repressão brasileira.

Em meio a tudo isso, uma homenagem elegante a Kafka. Sem querer dar “spoiler” e garantindo que na grande literatura conhecer o enredo não diminui um milímetro da obra, coloco aqui um trecho da narrativa que descreve a força que temos quando somos comunistas e a grande contribuição que a literatura pode prestar a teoria, ainda que sem esse objetivo.

Nesta passagem, Benjamim precisava cruzar um rio para então seguir caminho, pagou um barqueiro e, no meio de um assustador rio, foi chantageado:

“Só então Benjamim se deu conta: era chantagem. [...] O que tinha que fazer agora era regatear um pouco, na tentativa de diminuir o prejuízo.

Mas não o fez. Uma enorme raiva cresceu dentro dele. Aquilo era a injustiça de que falava Iossi, aquilo era a opressão: o forte submetendo o fraco a seu desígnio, explorando-o, sugando dele o pouco que tinha. [...] Sim, tratava-se de revolução, uma pequena revolução, mas revolução,

Scliar nos brinda com uma narrativa intensa, forte, de rir e chorar. Descreve a Rússia de 1916, a figura de Trotsky como um grande líder, o judaísmo, os clássicos do marxismo e chega ao Brasil da ditadura militar, numa manobra narrativa audaciosa, que tem seu desfecho na repressão brasileira

de qualquer maneira, a sua revolução particular, a sua luta de libertação. Pálido, pôs-se de pé num movimento brusco que quase fez virar o barco:

– Rema!

Mas o que é isso, começou a dizer o barqueiro, surpreso com a inesperada reação do rapazinho magro. [...]

– Rema, estou te dizendo! Rema! [...]

– Rema! Rema! Rema! [...]

A ira de quem não tem mais nada a perder a não ser as cadeias da servidão. A ira de quem está disposto a morrer. Ou a matar. [...]

– Quero te perguntar uma coisa.

– Pergunta.

– Tu és comunista, não és? [...]

– Sim, companheiro. Sou comunista. E agora tu sabes como um comunista age. Agora tu sabes por que o futuro nos pertence. Pensa nisso. Une-te a nós companheiro”.

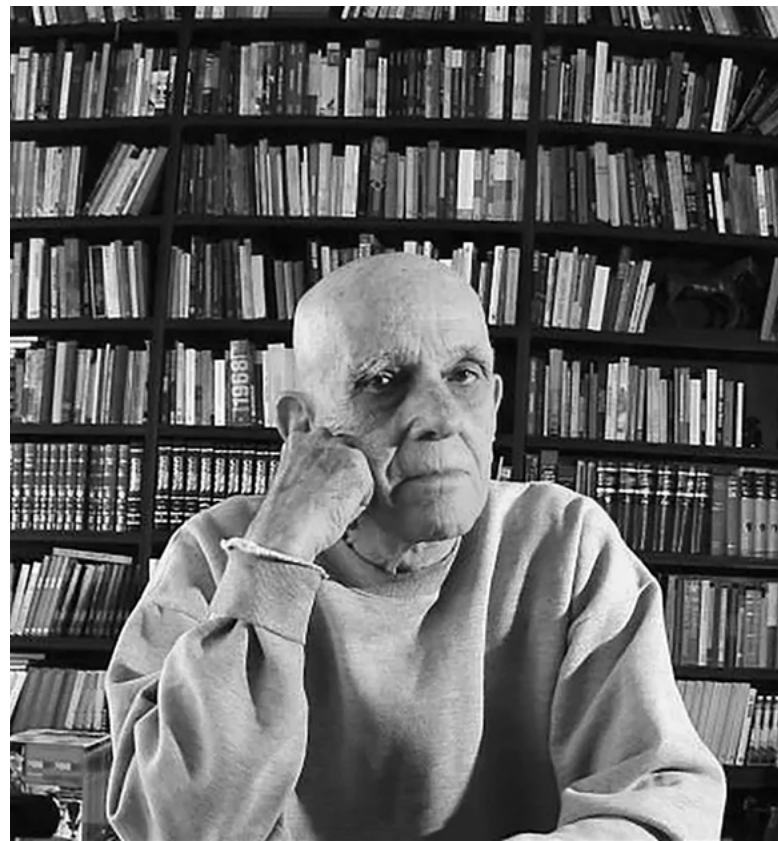
E, nas palavras da personagem de Moacyr Scliar encerramos esta breve indicação de leitura.

Boas leituras a todos!

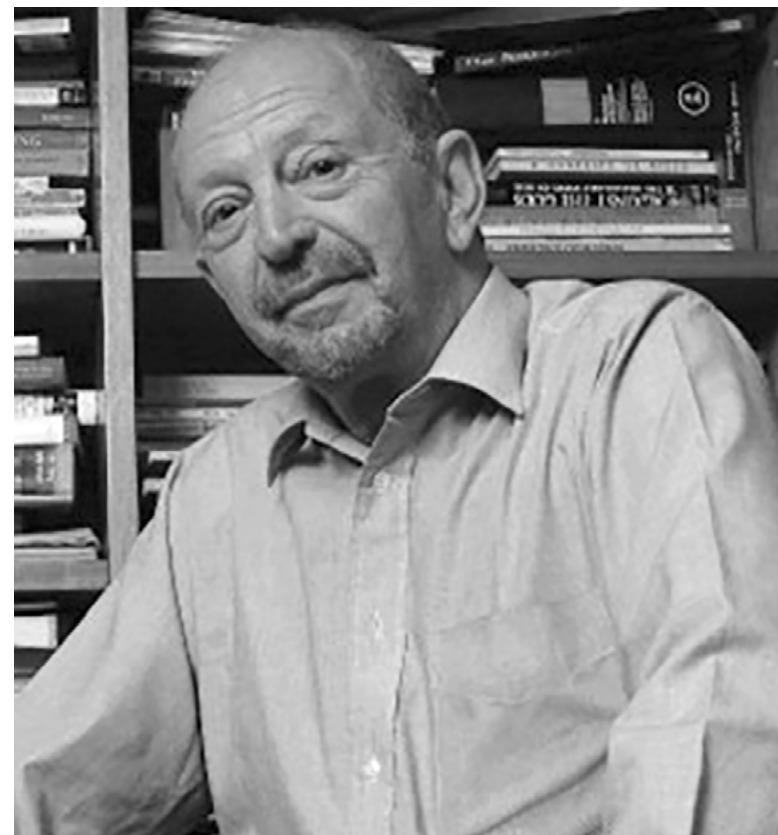
NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Você pode encontrar a “CARTA DE ENGELS AMARGARET HARKNESS” na íntegra na Revista *América Socialista* – Em defesa do Marxismo na edição 22 de 2023.

² Tzvetan Todorov – a citação não tem o objetivo de realizar uma análise mais profunda sobre a obra e o pensamento de Todorov, apenas diz respeito ao ponto específico ao qual se refere o contexto, já que se encontra no ensaio “Tipologia do romance policial”.



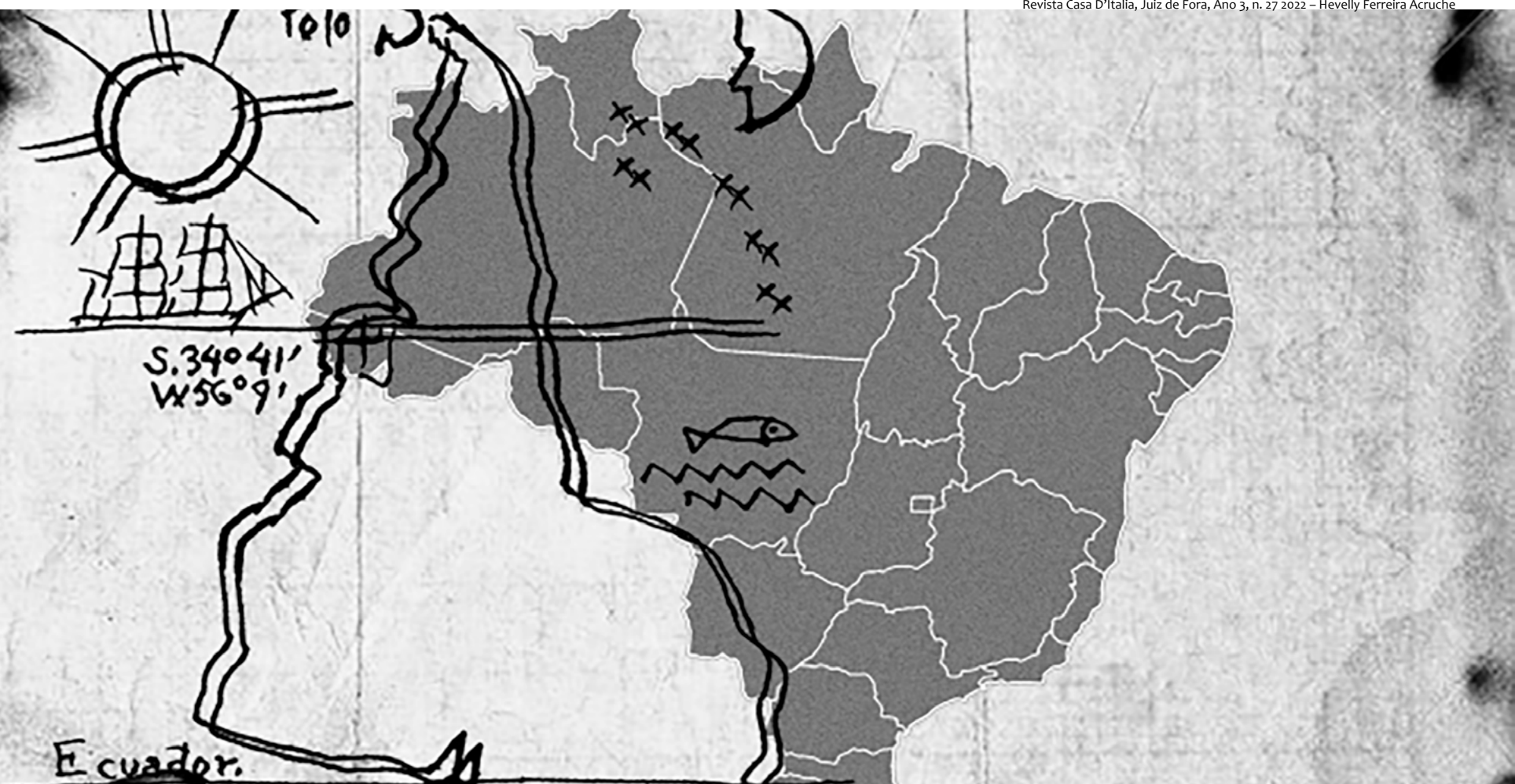
Rubem Fonseca



Moacyr Scliar



Leonardo Padura



URSAL, URSA ou URSS: A farsa do conceito de América Latina

Back in the U.S.S.R. (John Lennon)

| LUIZ BICALHO

A colonização da América pelos países europeus teve início a partir da tentativa de se achar um novo caminho para as Índias, já que os caminhos do comércio por terra tinham sido monopolizados pelos árabes. Estas tentativas, que se desenvolviam junto com o alvorecer do comércio e do capitalismo na Europa, levou à colonização da África e da América.

Enquanto Portugal percorria a fronteira da África, buscando contorná-la e atingir a Índia por este caminho, Colombo tentou um outro caminho: contornar o globo. A existência do continente ame-

ricano era desconhecida. Ao chegar às novas terras, Colombo achou que estava nas Índias e somente os navegadores depois deram-se conta de que existia um novo continente.

Enquanto França, Itália, Inglaterra, Holanda e outros países estavam ocupados com guerras e disputas no território europeu, Espanha e Portugal começaram a invasão e ocupação de novos territórios. O reino espanhol ficou inicialmente com a parte do México e dos Andes, derrotando os astecas e os incas e baseando suas colônias, inicialmente, na exploração de ouro e outros metais. Portugal ocupou simultaneamente as costas da África e da América do Sul, iniciando uma

indústria de produção de açúcar e importando escravos para mantê-la.

A revolução burguesa e os conflitos que se seguiram na Inglaterra mudaram a situação no caso dos EUA. Ao contrário das colônias portuguesas e espanholas que mantiveram a situação de propriedade no modo de produção feudal - ainda que a produção de açúcar fosse um empreendimento capitalista, a propriedade e a mão de obra (escravos) não o eram -, a colonização dos EUA se deu a partir de frações da burguesia que perdiam disputas políticas na Inglaterra. Isso criou um país - inicialmente as 13 colônias - que já tinha indústrias e exportava para o restante da América. No

Brasil e nas colônias espanholas a industrialização era proibida, sendo isso privilégio da Metrópole.

No século 17 (1601 a 1700) esta colonização criou novas condições de produção nos EUA. E na metade do mesmo século, isso levou a conflitos cada vez maiores com a Metrópole (Inglaterra) e, em 1776, resultou na independência do país.

Lembremos: a revolução burguesa na Inglaterra aconteceu em 1640. A revolução francesa um século e meio depois, em 1789. E, neste período, as colonizações nas américas por franceses, espanhóis e portugueses eram baseadas na escravidão negra e indígena e nas grandes plantações, principalmen-

Ao chegar às novas terras, Colombo achou que estava nas Índias e somente os navegadores depois deram-se conta de que existia um novo continente

te cana-de-açúcar e algodão, além da mineração.

A expansão da Revolução Francesa pela Europa, com as guerras napoleônicas, levou cedo ou tarde a independência da maioria das colônias nas Américas. Mas este processo não foi homogêneo e manteve a maioria das divisões

coloniais pré-existentes. Poucas exceções existiram a esta regra geral. A do Brasil (que manteve a sua unidade territorial) e a independência do Haiti - a partir da revolta dos negros - foram as mais notáveis exceções. No caso do Haiti, o isolamento internacional subsequente levou a destruição daquela que era uma das mais pujantes economias da América e não trataremos aqui desta questão.

A semi-independência do Brasil, com a manutenção da casa imperial de Portugal e a transferência de toda a dívida externa de Portugal para o país recém independente, levou ao nascimento de uma nação já sob o domínio do imperialismo. Cada uma das outras nações da América do Sul e da América Central tiveram desenvolvimentos que dependeram de sua economia.

Em termos gerais, a independência da América Espanhola começou mais cedo e levou a guerras prolongadas - algumas com mais de 10 anos - com idas e vindas. A divisão da América em vários vice-reinados que procuravam reproduzir a estrutura feudal vigente na Metrópole levou a tentativa de constituição de "repúblicas" em todos os países que eram, na prática, um acordo entre as grandes famílias que eram os maiores senhores de terras.

Na prática, a Inglaterra favorecia estes movimentos, visando a exploração direta dos países recém-constituídos. As maiores tentativas de independência, de um lado a Grã-Colômbia (que se partiu em três países por divergências entre as diferentes burguesias compradoras que se constituíam a partir do capital inglês) e de outro o Paraguai (que tentou se industrializar e foi esmagado pela Guerra do Paraguai) fracassaram.

Em termos gerais as frações da burguesia se dividiram em "federalistas" e "unionistas", mas o problema geral era quem negociava e o que se negociava com o capital estrangeiro. No Brasil, a divisão era entre conservadores e liberais (copiando a master Inglaterra) englobando diversas frações dos grandes fazendeiros - produtores de açúcar, algodão, café,

mineração, criadores de gado, etc.

Ao mesmo tempo, essas nascentes burguesias procuravam se consolidar e aumentar o seu domínio. As guerras entre as frações internas e entre países recém-constituídos era normal e levava a mudança das fronteiras.

No começo do Século 19, os EUA estabeleciam a chamada "Doutrina Monroe" que dizia "América para os americanos". Mas isso só pode ser efetivamente colocado em prática com a guerra EUA x Espanha, em 1896. Até lá foi uma declaração de intenções, com o capitalismo lanque não tendo condições de impor isso (como se viu na Guerra do Paraguai).

A semi-independência do Brasil, com a manutenção da casa imperial de Portugal e a transferência de toda a dívida externa de Portugal para o país recém independente, levou ao nascimento de uma nação já sob o domínio do imperialismo

O crescimento dos EUA no Século 19 levou primeiro à guerra contra o México, que incorporou Texas, Califórnia e outros estados ao lado. Depois, segunda Revolução Americana (a Guerra da Secessão). No início do século 20, a chamada América Latina era constituída de países que tinham em comum serem principalmente dominados pelo capital inglês (já em disputa com o capital lanque) e a língua espanhola ou portuguesa. Mas cada um deles construiu um país e uma classe operária bem diferente.

O México, por exemplo, que tinha perdido a guerra para os EUA sofreu uma invasão francesa e depois, em 1910, teve uma revolução camponesa que levou à reforma agrária e à constituição de um partido nacionalista que inclu-

sive fez a nacionalização do petróleo.

A sua classe operária, por sua vez, foi espremida em sindicatos dominados pelo partido revolucionário institucional, que guarda semelhança com os sindicatos peronistas e com os sindicatos CLT no Brasil.

No Chile, a classe operária constituiu fortes partidos reformistas, tanto o Partido Socialista quanto o Partido Comunista. Na Bolívia, o Partido Obreiro Revolucionario (POR) trotskista tinha grande influência e as teses aprovadas na Central Operária Boliviana (COB) representavam a aplicação do programa de transição para o país. Além disso, fruto da revolução de 1952, a Bolívia fez a reforma agrária. Enquanto Brasil, Peru e Colômbia até hoje sofrem com o grande latifúndio ou com as grandes fazendas capitalistas.

O resultado geral disso foi a construção de países bem diferentes. O Brasil e a Argentina tiveram industrialização bem diversificada. Mas mantiveram um forte setor agrícola. Chile, Peru e Bolívia tiveram suas economias centradas na extração mineral, cada um deles com produtos diferentes. Colômbia, Equador e os países centro-americanos tornaram-se "repúblicas bananeiras" onde uma companhia de frutas mandava e desmandava na política interna destes países. México baseou-se no petróleo (nacionalizado) no final dos anos 1930.

Atualmente, estes países ainda são mais diferenciados. Para além da economia de drogas, cada um deles passou por experiências políticas bem distintas. A construção do PT no Brasil (hoje um partido reformista como qualquer outro partido socialista da Europa) torna o Brasil diferente de outros países. A manutenção dos "peronistas" argentinos e o fracionamento da esquerda numa miríade de seitas de todos os matizes é a tônica da Argentina. E por aí seguimos.

Entretanto, a "esquerda" busca uma unidade latino-americana contra os EUA ou contra o imperialismo de forma geral. Sim, os comunistas são anti-imperialistas, mas não são nacionalistas. Para nós, uma revolução nos EUA



Charge sobre a doutrina Monroe

seria a forma mais rápida de acelerar a revolução em cada país da América. E temos mais a ver com o proletariado norte-americano do que com a burguesia de nossos países.

O Bolsonarismo lançou sobre a esquerda a acusação de defender a URSA, a União das Repúblicas Socialistas da América Latina. E parte da esquerda "comprou" esta ideia, inclusive brincando de fazer mapas onde mostrava a vitória eleitoral da "esquerda" na América do Sul. Claro que enterraram a ideia no dia seguinte da vitória de Lula. Porém ela subsiste em várias camadas.

Nós somos a favor da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Queremos o mundo inteiro governado pelo proletariado e não um país só ou um continente só. Está claro que perante uma situação revolucionária em todo o continente americano, a palavra de ordem da União das Repúblicas Socialistas da América poderia caber. Mas é uma hipótese. Nós lutamos pela revolução, em todos os países da América e do mundo! Nossos aliados são os proletários de todo o mundo!

"Proletários de todo o mundo, uni-vos!"
(Karl Marx)



VOGÊ É COMUNISTA?



ENTÃO ORGANIZE-SE!

ACESSE MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE OU USE O QR CODE



ESQUERDA  MARXISTA
CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL